

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL IDEA 2026

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO: IMPACTOS DO CONTEXTO SOCIAL NO APRENDIZADO

Catharine Simões de Freitas Santos; freitascatharine3@gmail.com; Universidade do Estado da Bahia

Modalidade: Artigo

Área Temática: Educação Inclusiva, Equidade e Acessibilidade Digital

Resumo:

A sociolinguística tem contribuído de forma significativa para a compreensão da língua como prática social, especialmente no contexto educacional, ao evidenciar que o uso da linguagem é condicionado por fatores sociais, culturais e históricos. No ensino de língua espanhola, essa perspectiva revela-se fundamental, uma vez que os estudantes trazem para a sala de aula repertórios linguísticos diversos, marcados por suas experiências sociais. Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar de que maneira o meio sociolinguístico em que o aluno está inserido influencia o processo de aprendizagem da língua espanhola, destacando as implicações pedagógicas dessa relação. Metodologicamente, trata-se de uma revisão bibliográfica, baseada em fontes primárias, secundárias e terciárias, que inclui livros, artigos científicos, teses, dissertações e materiais institucionais relevantes para a temática. O referencial teórico fundamenta-se nos pressupostos da sociolinguística educacional, com destaque para autores como Bagno, Bortoni-Ricardo e Mollica e Braga, articulados às contribuições da pedagogia crítica de bell hooks, especialmente no que se refere à língua como instrumento de poder e resistência, e às reflexões de Marcia Paraquett sobre interculturalidade no ensino de línguas. Os resultados indicam que a desvalorização das variedades linguísticas dos alunos pode comprometer sua aprendizagem e participação, enquanto práticas pedagógicas sensíveis à diversidade sociolinguística favorecem a inclusão, o engajamento e o desenvolvimento crítico. Conclui-se que o ensino de língua espanhola, quando orientado por uma perspectiva sociolinguística e intercultural crítica, pode promover uma educação mais democrática, significativa e socialmente comprometida.

Palavras-chave:

Sociolinguística educacional; Ensino de língua espanhola; Diversidade linguística; Interculturalidade; Educação crítica.

Introdução

A linguagem, enquanto prática social, desempenha papel central nos processos de ensino e aprendizagem, especialmente no ensino de línguas adicionais, como a língua espanhola. Aprender um novo idioma envolve não apenas a assimilação de estruturas linguísticas, mas



também o contato com valores culturais, identidades e relações de poder que atravessam o uso da língua. No contexto escolar, entretanto, o ensino de línguas estrangeiras ainda é frequentemente orientado por modelos normativos e descontextualizados, que pouco dialogam com o meio sociolinguístico dos alunos.

A sociolinguística surge, a partir da década de 1960, como um campo de estudos voltado à compreensão da língua em seu uso social, valorizando a diversidade cultural e linguística dos falantes. Segundo Mollica e Braga (2003), a sociolinguística propõe uma concepção de linguagem ancorada na sociedade, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural e linguística como ponto de partida para a análise da língua. Tal perspectiva é particularmente relevante para o ensino da língua espanhola, idioma marcado por ampla variação linguística e por múltiplos contextos socioculturais nos países em que é falado.

Os estudos de Labov (1969, 1972) demonstram que a variação linguística é sistemática e socialmente condicionada, não podendo ser compreendida como erro ou inadequação. No âmbito educacional, Bagno (2003, 2007) e Bortoni-Ricardo (2005, 2009, 2011) ampliam esse debate ao evidenciar como o preconceito linguístico impacta negativamente os processos de ensino e aprendizagem. Embora esses autores se concentrem majoritariamente na língua materna, seus pressupostos oferecem contribuições relevantes para o ensino de línguas estrangeiras, como o espanhol, sobretudo no que se refere à valorização do repertório linguístico e cultural dos estudantes.

No ensino de língua espanhola, a desconsideração do contexto sociolinguístico do aluno pode reforçar relações assimétricas de poder. bell hooks (1994), ao discutir a noção de “língua do opressor”, destaca que a língua pode funcionar como instrumento de dominação quando imposta de forma autoritária, silenciando identidades e saberes. Essa reflexão é fundamental para a educação linguística, pois alerta para práticas pedagógicas que, ao ignorarem a voz do aluno, reproduzem exclusões e dificultam a aprendizagem significativa.

Nessa mesma perspectiva crítica, Paraquett (2012) defende um ensino de espanhol pautado na interculturalidade, no diálogo e no reconhecimento das identidades dos aprendizes. Para a autora, ensinar espanhol implica promover o contato entre culturas, respeitando as experiências sociolinguísticas dos alunos e compreendendo a língua como espaço de negociação de sentidos. Assim, o meio social em que o estudante está inserido deve ser entendido como um recurso pedagógico e não como um obstáculo ao aprendizado.

Apesar das contribuições teóricas da sociolinguística e dos estudos interculturais, ainda se observa uma lacuna entre esses pressupostos e as práticas adotadas no ensino de língua espanhola. Diante disso, o problema que orienta este estudo consiste em compreender de que maneira o meio sociolinguístico do aluno influencia o processo de aprendizagem da língua espanhola no contexto escolar. O objetivo geral é analisar os impactos do contexto social e linguístico no ensino e na aprendizagem do espanhol, por meio de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Parte-se da hipótese de que práticas pedagógicas que valorizam a



diversidade sociolinguística e cultural dos alunos favorecem uma aprendizagem mais inclusiva, crítica e significativa.

Fundamentação Teórica

A sociolinguística constitui-se como um campo fundamental para a compreensão da língua enquanto prática social, historicamente situada e atravessada por relações de poder. Desde os estudos inaugurais de Labov (1969, 1972), a variação linguística passou a ser compreendida como um fenômeno sistemático e legítimo, condicionado por fatores sociais, culturais e históricos. Essa perspectiva rompe com a ideia de homogeneidade linguística e questiona a noção de erro, frequentemente reproduzida no espaço escolar.

No contexto educacional, especialmente no ensino de línguas, a sociolinguística contribui para a problematização de práticas pedagógicas que desconsideram o repertório linguístico dos alunos. Autores como Bagno (2003, 2007) e Bortoni-Ricardo (2005, 2009, 2011) evidenciam que o preconceito linguístico atua como mecanismo de exclusão, afetando a autoestima, a participação e o desempenho escolar dos estudantes. Embora essas discussões se concentrem majoritariamente na língua materna, seus fundamentos teóricos são plenamente aplicáveis ao ensino de línguas estrangeiras, como a língua espanhola, sobretudo em contextos marcados pela diversidade sociocultural.

No ensino de língua espanhola, a questão sociolinguística assume contornos ainda mais complexos, uma vez que se trata de um idioma falado em diferentes países, atravessado por múltiplas variedades linguísticas e culturais. Paraquett (2012) defende que o ensino de espanhol deve estar pautado na interculturalidade, compreendida como um processo de diálogo entre culturas, identidades e saberes. Segundo a autora, ensinar espanhol não significa apenas transmitir estruturas linguísticas, mas promover encontros culturais que valorizem a experiência do aluno e ampliem sua visão de mundo. Dessa forma, o meio sociolinguístico do estudante passa a ser entendido como ponto de partida para a construção do conhecimento, e não como um obstáculo ao aprendizado.

Essa concepção dialoga diretamente com as reflexões de bell hooks (1994) acerca da linguagem como espaço de poder. Ao discutir a noção de “língua do opressor”, a autora evidencia que a língua pode ser utilizada como instrumento de dominação quando imposta de maneira autoritária, silenciando vozes e identidades historicamente marginalizadas. No campo educacional, essa imposição se manifesta quando o ensino ignora a voz do aluno, suas experiências e seu contexto social, reproduzindo relações de desigualdade. Para hooks, uma pedagogia crítica deve transformar a linguagem em espaço de resistência, diálogo e emancipação.

Aplicadas ao ensino de língua espanhola, as contribuições de bell hooks permitem compreender que a aprendizagem de uma língua estrangeira não é neutra, mas atravessada por relações de poder, identidade e pertencimento. Quando o ensino se limita a modelos



normativos e descontextualizados, corre-se o risco de reproduzir uma lógica opressora, na qual o aluno é apenas receptor passivo do conhecimento. Em contrapartida, uma abordagem sociolinguística e intercultural favorece a construção de uma educação linguística crítica, capaz de reconhecer o aluno como sujeito histórico e social.

Dessa forma, o modelo teórico que fundamenta este estudo articula a sociolinguística educacional, a interculturalidade no ensino de língua espanhola e a pedagogia crítica. Esse modelo compreende a língua como prática social, o ensino como espaço de diálogo e o contexto sociolinguístico do aluno como elemento central para a aprendizagem significativa. Ao integrar as contribuições de Labov, Bagno, Bortoni-Ricardo, Paraquett e bell hooks, o estudo sustenta a defesa de práticas pedagógicas que promovam inclusão, equidade e transformação social por meio do ensino da língua espanhola.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter exploratório, configurando-se como uma revisão bibliográfica. O objetivo do trabalho consiste em analisar contribuições da sociolinguística, da interculturalidade e da pedagogia crítica para o ensino de língua espanhola, considerando a linguagem como prática social situada histórica e culturalmente.

O percurso metodológico baseou-se no levantamento, seleção e análise de produções acadêmicas previamente publicadas, organizadas em fontes primárias e secundárias, não havendo uso sistemático de fontes terciárias como corpus central da investigação.

As fontes primárias utilizadas no estudo corresponderam a livros teóricos de referência, empregados como base conceitual para a construção do arcabouço teórico. Nessa categoria inserem-se obras clássicas e fundamentais da área, como os estudos de Labov (1969; 1972) sobre variação linguística, de Bagno (2003; 2007) e Bortoni-Ricardo (2005; 2009; 2011) acerca da sociolinguística educacional, bem como as reflexões de bell hooks (1994) sobre linguagem, poder e opressão, especialmente no que se refere à concepção da língua como instrumento de dominação e resistência.

As fontes secundárias foram constituídas por artigos científicos, teses e dissertações, entre os quais se destacam o artigo de revisão A contribuição da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa (Cazarotti; Miranda, 2019), bem como trabalhos apresentados em anais de eventos acadêmicos e periódicos científicos que discutem a sociolinguística no contexto educacional e suas implicações para o ensino de línguas adicionais, incluindo o espanhol. Também se inserem nessa categoria produções de Marcia Paraquett publicadas em formato de artigo, nas quais a autora discute interculturalidade, ensino de línguas e formação docente.



As fontes terciárias não constituíram objeto central de análise nesta pesquisa, sendo eventualmente consultadas apenas como apoio contextual ou informativo, sem interferir na fundamentação teórica do estudo.

Os materiais selecionados passaram por leitura criteriosa e análise interpretativa, com foco na identificação dos principais constructos teóricos relacionados à variação linguística, à interculturalidade, à valorização das identidades dos sujeitos aprendentes e à compreensão da linguagem como espaço de relações de poder. A partir desse processo, buscou-se estabelecer diálogos entre os diferentes autores, direcionando a discussão para o ensino de língua espanhola em contextos educacionais diversos.

Ressalta-se que a pesquisa não envolveu coleta de dados empíricos nem a participação direta de seres humanos. Por tratar-se exclusivamente de uma revisão bibliográfica, não foi necessária a submissão do estudo a um Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as diretrizes éticas vigentes.

Resultados

A análise das produções teóricas selecionadas permitiu identificar um conjunto consistente de achados que evidenciam a relevância da sociolinguística e da interculturalidade para a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem da língua espanhola em contextos educacionais formais. Os resultados emergem da articulação entre diferentes autores e correntes teóricas, possibilitando a identificação de convergências, tensões e proposições críticas para a prática pedagógica.

Um dos principais achados refere-se à compreensão da língua como fenômeno social e histórico, fortemente condicionado pelo contexto de uso dos sujeitos aprendentes. Os estudos sociolinguísticos analisados demonstram que o aprendizado de uma língua adicional, como o espanhol, não ocorre de forma neutra ou descontextualizada, mas é atravessado por fatores sociais, culturais, identitários e ideológicos. Nesse sentido, a variação linguística aparece como elemento central, rompendo com a noção de uma língua homogênea e estável, frequentemente reproduzida no ambiente escolar.

A literatura revisada evidencia que práticas pedagógicas baseadas exclusivamente em modelos normativos tendem a desconsiderar as experiências linguísticas prévias dos estudantes, o que pode gerar distanciamento, insegurança e resistência ao aprendizado do espanhol. Autores da sociolinguística educacional apontam que a valorização das variedades linguísticas e dos repertórios socioculturais dos alunos contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem mais significativo, favorecendo o engajamento e a participação ativa dos sujeitos.

Outro resultado relevante diz respeito à influência das relações de poder no ensino de línguas, aspecto amplamente discutido nas reflexões de bell hooks. A análise de suas contribuições



permitiu compreender que a língua, no contexto educacional, pode funcionar tanto como instrumento de opressão quanto de emancipação. A concepção de “língua do opressor” evidencia que determinadas práticas pedagógicas reforçam hierarquias linguísticas e culturais, silenciando vozes marginalizadas e legitimando apenas determinados modos de falar, escrever e se expressar.

Ao transpor essa discussão para o ensino de língua espanhola, observa-se que a escolha de variedades linguísticas consideradas “prestigiadas”, bem como a centralidade de determinados países ou culturas hispânicas, pode reforçar uma visão limitada e excludente da língua. Os resultados apontam que a incorporação de uma perspectiva crítica, inspirada em bell hooks, possibilita problematizar essas escolhas, promovendo uma pedagogia que reconheça a língua como espaço de resistência, diálogo e construção identitária.

As contribuições de Marcia Paraquett, por sua vez, permitiram identificar a interculturalidade como eixo fundamental para o ensino de espanhol. A literatura analisada indica que o ensino intercultural vai além da apresentação de aspectos culturais superficiais, como datas comemorativas ou curiosidades, exigindo uma abordagem que promova o diálogo entre culturas, o reconhecimento da alteridade e a reflexão crítica sobre identidades. Os resultados demonstram que essa perspectiva amplia o papel do ensino de espanhol, transformando-o em um espaço de formação cidadã e crítica.

Outro achado importante refere-se à formação docente. Os estudos revisados apontam que muitos professores de línguas ainda enfrentam dificuldades para integrar pressupostos sociolinguísticos e interculturais à prática pedagógica, seja por lacunas na formação inicial, seja por limitações impostas pelos currículos e materiais didáticos. Essa constatação reforça a necessidade de uma formação continuada que articule teoria e prática, possibilitando ao professor atuar como mediador crítico do conhecimento linguístico e cultural.

No que se refere ao tratamento dos dados teóricos, a análise comparativa entre os autores revelou convergências significativas quanto à defesa de uma educação linguística mais inclusiva, crítica e contextualizada. Ainda que partam de campos teóricos distintos, sociolinguística, pedagogia crítica e interculturalidade dialogam ao reconhecer a centralidade do contexto social no processo de aprendizagem e ao questionar modelos tradicionais de ensino baseados na neutralidade da língua.

Por fim, os resultados indicam que a adoção de uma abordagem sociolinguística e intercultural no ensino de língua espanhola contribui para a valorização das identidades dos estudantes, para a redução de práticas discriminatórias no ambiente escolar e para a construção de uma aprendizagem mais significativa. Tais achados reforçam a importância de repensar o ensino de línguas adicionais como prática social comprometida com a justiça linguística, cultural e educacional.

Discussão

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL IDEA 2026

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



Os resultados obtidos a partir da revisão bibliográfica confirmam a hipótese central deste estudo de que o aprendizado da língua espanhola é profundamente influenciado pelo contexto social, cultural e ideológico em que os sujeitos estão inseridos. Ao dialogar com pesquisas anteriores, observa-se que as contribuições da sociolinguística, da pedagogia crítica e da interculturalidade convergem ao questionar modelos tradicionais de ensino de línguas que tratam a linguagem como um sistema neutro e descontextualizado.

Em consonância com estudos clássicos da sociolinguística, os achados reafirmam que a variação linguística constitui elemento estruturante das línguas naturais e deve ser compreendida como parte legítima do processo de aprendizagem. Trabalhos como os de Labov e de pesquisadores brasileiros da sociolinguística educacional já indicavam que o insucesso escolar, muitas vezes atribuído ao aluno, está relacionado à desvalorização de seus repertórios linguísticos. Ao transpor essa discussão para o ensino de língua espanhola, os resultados reforçam que práticas pedagógicas centradas exclusivamente em normas padronizadas tendem a reproduzir exclusões semelhantes às observadas no ensino da língua materna.

As reflexões de bell hooks ampliam essa análise ao evidenciar que a língua pode operar como instrumento de poder e dominação dentro das instituições educacionais. A discussão dos resultados à luz da noção de “língua do opressor” permite compreender que a imposição de determinadas variedades linguísticas e culturais no ensino de espanhol pode silenciar experiências e identidades dos estudantes, sobretudo aqueles provenientes de contextos socialmente marginalizados. Nesse sentido, os resultados dialogam com estudos anteriores que defendem uma educação linguística comprometida com a emancipação dos sujeitos e com a justiça social.

Do ponto de vista intercultural, as contribuições de Marcia Paraquett permitem interpretar os resultados como um chamado à superação de abordagens superficiais no ensino de línguas adicionais. A discussão evidencia que o ensino de espanhol, quando orientado por uma perspectiva intercultural crítica, favorece o reconhecimento da diversidade cultural do mundo hispânico e promove o diálogo entre diferentes formas de ver e habitar o mundo. Essa interpretação está alinhada a pesquisas que defendem a interculturalidade como eixo estruturante da formação docente e do currículo, e não como conteúdo acessório.

As implicações teóricas do estudo indicam a necessidade de articulação entre sociolinguística, pedagogia crítica e interculturalidade como base para uma educação linguística mais inclusiva. Os resultados discutidos reforçam a ideia de que o ensino de língua espanhola pode desempenhar um papel estratégico na formação crítica dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de competências linguísticas, culturais e sociais. Do ponto de vista educacional, tais implicações sugerem a revisão de práticas pedagógicas, materiais didáticos e propostas curriculares que ainda reproduzem visões homogêneas da língua.



No entanto, é importante reconhecer as limitações deste trabalho. Por tratar-se de uma revisão bibliográfica, os resultados discutidos baseiam-se exclusivamente em produções teóricas e estudos previamente publicados, não contemplando dados empíricos oriundos de práticas de sala de aula ou da percepção direta de professores e estudantes. Essa limitação não invalida os achados, mas aponta para a necessidade de cautela na generalização das conclusões.

Diante disso, sugerem-se direções para pesquisas futuras, como a realização de estudos empíricos que investiguem a aplicação de abordagens sociolinguísticas e interculturais no ensino de língua espanhola, bem como pesquisas que analisem a formação docente sob a perspectiva da pedagogia crítica. Investigações de cunho etnográfico, estudos de caso e pesquisas-ação podem contribuir para aprofundar a compreensão dos impactos dessas abordagens no cotidiano escolar.

Em síntese, a discussão dos resultados evidencia que o ensino de língua espanhola, quando fundamentado em princípios sociolinguísticos, interculturais e críticos, apresenta potencial para romper com práticas excludentes e promover uma educação linguística mais democrática. Ao dialogar com estudos anteriores e com as hipóteses de trabalho, esta seção reforça a relevância do tema e aponta caminhos teóricos e práticos para o avanço das pesquisas na área.

Considerações finais

O presente estudo, desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica, teve como objetivo analisar os impactos do contexto social no aprendizado da língua espanhola, à luz da sociolinguística, da interculturalidade e da pedagogia crítica. As reflexões teóricas mobilizadas ao longo do trabalho permitiram compreender a linguagem como prática social situada, atravessada por relações de poder, identidades e contextos culturais diversos.

Entre as principais contribuições teóricas, destaca-se o diálogo estabelecido entre a sociolinguística educacional e os aportes de bell hooks e Marcia Paraquett, evidenciando que o ensino de língua espanhola não pode ser concebido de forma neutra ou meramente estrutural. A valorização da diversidade linguística, a problematização da língua como instrumento de dominação e resistência e a defesa de uma abordagem intercultural crítica configuram-se como eixos fundamentais para uma educação linguística comprometida com a inclusão e a justiça social.

No âmbito das contribuições práticas, o estudo reforça a necessidade de repensar as práticas pedagógicas no ensino de espanhol, incentivando a adoção de metodologias que considerem os repertórios linguísticos e culturais dos estudantes. A incorporação de perspectivas sociolinguísticas e interculturais pode favorecer ambientes de aprendizagem mais significativos, promover o engajamento discente e contribuir para a formação crítica e cidadã dos sujeitos aprendentes. Além disso, os resultados apontam para a importância da formação docente contínua, voltada para a reflexão sobre língua, poder e cultura.



Apesar das contribuições apresentadas, o trabalho apresenta limitações inerentes à sua natureza metodológica. Por tratar-se exclusivamente de uma revisão bibliográfica, não foram analisadas experiências empíricas nem dados coletados diretamente em contextos escolares. Dessa forma, as conclusões derivam da interpretação de estudos já publicados, o que restringe a observação de práticas concretas de ensino e aprendizagem da língua espanhola.

Nesse sentido, abrem-se oportunidades para pesquisas futuras que aprofundem as discussões aqui propostas. Estudos empíricos, como pesquisas-ação, estudos de caso e investigações etnográficas, podem contribuir para analisar a aplicação de abordagens sociolinguísticas e interculturais em salas de aula de espanhol. Além disso, investigações voltadas à formação inicial e continuada de professores podem ampliar a compreensão sobre os desafios e possibilidades de uma pedagogia linguística crítica.

Conclui-se que o ensino de língua espanhola, quando fundamentado em princípios sociolinguísticos, interculturais e críticos, possui potencial transformador, tanto no campo educacional quanto social. Ao reconhecer a diversidade linguística e cultural como valor, a educação linguística pode contribuir para a construção de práticas mais democráticas, inclusivas e emancipadoras.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAZAROTTI, Mauro Lúcio Batista; MIRANDA, Aldiane Rodrigues. **A contribuição da sociolinguística para o ensino da língua portuguesa**. Revista científica, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33530/1/Apesquisasociolinguisticanaeducacao.pdf>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2026.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL **IDEA 2026**

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katálýsis, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37–45, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PARAQUETT, Marcia. **O ensino de espanhol no Brasil: identidade e interculturalidade**. Campinas: Pontes Editores, 2010.

PARAQUETT, Marcia. **Interculturalidade e ensino de línguas: desafios e perspectivas**. Revista Letras & Letras, Uberlândia, v. 27, n. 2, p. 45–60, 2011.

SILVA, Edilson Ferreira da et al. **Sociolinguística e ensino: reflexões sobre variação linguística na escola**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 2021, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV151_MD1_SA101_ID9079_24072021000044.pdf. Acesso em: 06 de fevereiro de 2026.